A língua do outro: como falar um idioma estrangeiro nos ensina a respeitar as diferenças

Por Katrin Flohr, coordenadora de Alemão como Língua Estrangeira no Colégio Visconde de Porto Seguro



Por muito tempo, aprender alemão, inglês ou espanhol foi tratado como uma ferramenta utilitária, um item a mais para preencher o currículo, um pré-requisito para promoção no trabalho ou um recurso para conseguir pedir um café sem percalços durante as férias no exterior. Mas a verdade é que conviver com múltiplos idiomas vai muito além disso. O plurilinguismo não é apenas um diferencial acadêmico; é uma competência democrática fundamental para nossa vida em sociedade.

Foi justamente essa a provocação central que levei, este mês, para a Universidade de São Paulo (USP), onde tive a imensa alegria de participar do 13º Congresso da Associação Brasileira de Professores de Alemão. Em um evento repleto de trocas enriquecedoras, formações e debates fundamentais para o futuro do ensino, tive a honra de ministrar uma palestra ao lado do Dr. Geraldo de Carvalho, secretário-geral da Federação Internacional de Professores de Línguas Modernas (FIPLV), refletindo sobre uma questão essencial: afinal de contas, para que serve aprender mais de uma língua no mundo em que vivemos hoje?

Eu sei que a expressão “didática da diversidade linguística e competência democrática” pode soar um pouco rígida à primeira vista. Mas garanto que, na prática, essa ideia é simples, leve e faz parte de nosso cotidiano muito mais do que percebemos.

Imagine, por exemplo, a rotina de uma criança brasileira. Em casa, ela ouve os pais conversarem em alemão ou espanhol. Na escola, aprende as regras formais da língua portuguesa. Ao mesmo tempo, assiste a vídeos em inglês na internet e, no recreio com os amigos, usa gírias. O ensino tradicional costumava olhar para essa mistura com desconfiança, como se a mente daquele jovem estivesse “confusa” ou como se cada idioma devesse morar em uma gaveta hermeticamente fechada, sem qualquer contato.

Hoje, a pedagogia moderna nos mostra o oposto. Quando permitimos que o estudante conecte todas essas linguagens de forma fluida, ele não fica confuso; pelo contrário, desenvolve raciocínio muito mais flexível, ágil e acolhedor. Aprender outro idioma nos obriga a sair de nosso próprio ponto de vista. Para compreender uma expressão em outra língua, precisamos entender a cultura, a história e as emoções de quem a fala. Esse exercício constante de empatia é a verdadeira essência da democracia: aprender a escutar o outro, respeitar as diferenças e perceber que nossa maneira de enxergar o mundo não é a única possível.

No Colégio Visconde de Porto Seguro, onde coordeno a área de Alemão como Língua Estrangeira, no Campus Valinhos, vivencio esse aprendizado diariamente com alunos, colegas e a comunidade escolar. E vivo isso também do lado de dentro de casa, como mãe de duas filhas que crescem alternando entre português e alemão. Percebo na pele como a multiplicidade de palavras abre portas para a pluralidade de ideias. Quando uma criança descobre que existem

diferentes maneiras e nuances para expressar um mesmo sentimento, ela aprende desde cedo que o mundo é feito de diversidade e que discordar não significa conflito, mas sim riqueza e aprendizado mútuo.

É claro que traduzir essa visão para o dia a dia escolar implica desafios. Existe um campo de tensão constante entre as diretrizes de políticas linguísticas, como as recomendações do Conselho da Europa ou as resoluções da FIPLV, e o chão da sala de aula no Ensino Fundamental e no Ensino Médio no Brasil. Muitas vezes, os professores enfrentam dilemas estruturais, falta de tempo, materiais didáticos engessados e, em muitos casos, oportunidades insuficientes de formação continuada – fatores que dificultam a implementação efetiva dessas orientações pedagógicas.

Como educadores, nosso papel é construir pontes sustentáveis entre esses grandes objetivos e a vida real nas escolas. Precisamos valorizar a bagagem cultural e social que o aluno já traz. Seja o sotaque, uma expressão, o português dinâmico das redes sociais ou termos de uma língua de imigração, nada disso deve ser tratado como erro a ser extirpado, mas como ponto de partida para expandir seu repertório comunicativo.

Promover o plurilinguismo no Brasil não é querer transformar todos os jovens em poliglotas perfeitos. Trata-se de cultivar o respeito mútuo, instigar o pensamento crítico e formar cidadãos capazes de transitar em uma sociedade plural. Quando ensinamos nossas crianças a valorizar todas as vozes, estamos ensinando a arte do diálogo. Em tempos em que o diálogo se faz tão urgente, construir pontes linguísticas é um dos atos mais humanos e profundamente democráticos que a educação pode exercer.

Informações para Imprensa:

FSB Comunicação
colegioportoseguro@fsb.com.br